

Fotografia, direitos humanos e resistência Guarani-Kaiowá no Facebook¹.

Ana Shirley Penaforte CARDOSO²

Ivânia dos Santos NEVES³

Universidade Federal do Pará

Faculdades Ipiranga/Faculdade Pan Amazônica/Faculdade paraense de ensino

Resumo

A fotografia, desde a sua invenção, conheceu diferentes espaços de produção de sentidos. Nas redes sociais ela conhece novas formas de produzir sentidos. Em outubro de 2012, depois de uma liminar de despejo, um grupo de 170 Guarani-Kaiowá escreveu uma carta em que se recusavam a entregar suas terras e ameaçavam resistir até a morte. Uma postagem no Facebook divulgou a carta e uma fotografia do suicídio de um jovem Kaiowá. Em menos de três dias, esta postagem recebeu mais de 20 mil compartilhamentos e repercussão internacional, o que obrigou o governo brasileiro a derrubar a liminar de despejo. Neste artigo, tomando a fotografia como construção histórica e processo de mediação, a partir das definições de acontecimento e de corpo como materialidade discursiva, analisamos as condições de possibilidades históricas que convergiram na visibilidade internacional da situação dos Kaiowá.

Palavras-Chave: fotografia; demarcação; povos indígenas.

1. Entrando na rede

Outubro de 2012. Em muitos lugares do planeta, uma carta assinada por lideranças Guarani-Kaiowá de *Pyelito Kue/Mbarakay* anuncia o suicídio coletivo de 170 Kaiowá e expõe algumas das graves situações sociais dessa sociedade. A carta foi divulgada após a Justiça determinar a saída de cerca de 30 famílias Guarani-kaiowá da aldeia Passo Piraju, onde viviam há dez anos em Porto Cambira, em Mato Grosso do Sul. A região é disputada por indígenas e fazendeiros.

Nesta mesma semana, revoltado com a situação, Ângelo Corrêa, que no momento assinava como Ângelo Guarani-Kaiowá postou a carta, em seu perfil do Facebook, porém, para chamar mais atenção sobre o assunto, decidiu colocar também uma fotografia de um jovem Guarani-Kaiowá que havia se suicidado em 2008. Na imagem, um corpo em estado de decomposição, com insetos e preso por uma corda, num cenário de floresta ou bosque,

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia no XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Msc. Faculdade Ipiranga/Fapan/Fapen

³ Professora Dra. Universidade Federal do Pará

causava uma grande impacto em quem tinha acesso à postagem. A repercussão da carta e da imagem fotográfica foi imediata, nas redes sociais e recebeu mais de 20.000 compartilhamentos, em menos de três dias.

A divulgação da carta e da imagem do jovem enforcado nas redes sociais foi um acontecimento, que obteve vários desdobramentos tanto no Brasil, como em outros países. O suicídio, de um modo geral é silenciado na grande imprensa, sob a alegação de que a disseminação de notícias como essa pode estimular novos casos. Vários Kaiowá e entidades ligadas à defesa dos direitos humanos se pronunciaram contra a postagem e o próprio Facebook se incumbiu de retirá-la do ar. Mas, a despeito dos códigos de postura, a circulação da imagem e da carta na internet gerou outros efeitos e a pressão das redes sociais e todos os processos desencadeados pela pluralização das postagens resultaram, desta vez, na revisão da posição do governo federal em relação às reivindicações solicitadas pelos indígenas.

E, assim dispusemo-nos ao desafio de tentar entender quais os jogos de poder envolvem a produção e circulação desta imagem, acompanhada por esta carta, que visibilizou a atrocidade inscrita no corpo em decomposição do jovem Guarani. A violência que acomete jovens Guarani desde 1998, ainda que dispersamente já tenha circulado em jornais e revistas impressas, por que somente, a partir do sistema de distribuição da informação e da possibilidade de circulação de informação pelas redes sociais e pela atitude de Ângelo Kaiowá esta situação ganhou esta repercussão?

Neste artigo, compreendemos a fotografia como um processo de mediação e como uma das mais significativas materialidades discursivas. Partindo desta premissa, pretendemos analisar como a fotografia do suicídio do jovem Kaiowá ganhou repercussão, a ponto de provocar uma reação internacional, que obrigou a Presidência da República a intervir na situação.

2. Imagens, sentidos e mediação.

Como nossa pesquisa parte do estudo da fotografia, tomaremos seu advento como nosso ponto de partida, que há bastante tempo constitui-se como uma materialidade que alcança um imenso leque de aplicabilidade e cumpre um papel de visibilizar de diferentes maneiras as esferas do conhecimento humano. Uma “única” fotografia pode transcender barreiras, ser usada como materialidade discursiva em diversas áreas de atividades humanas. E assim (re)criar novos sentidos.

A fotografia é produzida pela luz, que se transfigura em imagens, ligadas a uma teia de memórias que se atualizam e se silenciam de acordo com as condições de possibilidades históricas dos interlocutores. Desde seu aparecimento, ela trouxe à humanidade, possibilidades de registrar movências de tempo e de interagir com o espectador. Por meio de técnicas que envolvem processos físico-químicos e digitais, a fotografia é capaz de fixar imagens em superfícies e possui a característica da reprodutibilidade. Absorve o desejo de “guardar”, “gravar” cenas cotidianas, acompanha a história da humanidade e em diferentes configurações, podemos pensar que já existia nas gravuras rupestres. A imagem fotográfica foi incorporada ao mundo contemporâneo e a internet tornou-se um espaço privilegiado para sua circulação. Milhares de fotografias são postadas nas redes diariamente.

A internet impulsionou uma dinâmica mais frenética de circulação de informação, processo iniciado desde a implantação e funcionamento das primeiras gráficas no mundo. Por meio da velocidade e alcance, a mídia seleciona e controla discursos, apaga e evidencia enunciados, que segundo Foucault (2012), ajudam na construção e modelamento identitário dos sujeitos, que se (des)fazem em redes discursivas ao longo da história. Através da internet, as identidades são bastante dinâmicas e se tornam cada vez mais fragmentadas, pois a relação espaço/tempo foi redimensionada.

A internet é uma mídia, um espaço que possibilita a (re)criação de discursos no *ciberespaço*. Discursos que constroem, mas também (des)constroem identidades, que não são fixas, que se tencionam ao se modificarem. Eles também pautam as conversas cotidianas e dialogam com os interesses de seus leitores e internautas, pois reforçam, atualizam ou (des)controlam discursos que também estão presentes nas escolas, nas igrejas, em todos os espaços sociais. Kellner (2001) defende que, a mídia criou uma cultura, a partir de suas representações no dia a dia:

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. O rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou imponente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. (KELLNER, 2001, p.9)

Os processos de recepção da mídia, no entanto, não são homogêneos e nem fixos, porque os sujeitos constroem de várias maneiras suas opiniões e pensamentos e as

subversões podem acontecer em diferentes esferas e escalas, como ele mesmo afirma, porque os sujeitos encontram formas de resistências às discursividades propostas, através da mídia. Kellner (2001, 11/12) afirma:

No entanto, o público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa, usando a cultura como recurso para fortalecer-se e inventar significados, identidades e formas de vida próprios. Além disso, a própria mídia dá recursos que os indivíduos podem acatar ou rejeitar na formação de suas identidades em oposição aos modelos dominantes. Assim, a cultura veiculada pela mídia induz os indivíduos a conformar-se à organização vigente da sociedade, mas também lhes oferece recursos que podem fortalecê-los na oposição em a esta mesma sociedade.

Ao nos debruçarmos sobre o estudo da sociedade Guarani-Kaiowá, notamos que há recorrências nas atitudes governamentais instituídas, por meio de silenciamento como em situações como esta, seja por meios massivos de comunicação e ou em organizações políticas, em especial quando se referem à condição de ilegalidade em que estes povos foram expostos, sobretudo em relação à posse de suas terras. Engrenagens manipuladas do percurso da história do país de maneira geral. Povos indígenas postos à margem do poder, desde o início da colonização, sociedades expropriadas de seus direitos.

No entanto, Foucault (2010) nos esclarece que o poder não permanece concentrado em grandes instituições. Nem é fixo, nem se mantém inerte às movimentações da história. O poder circula também, em meio às mínimas relações entre os sujeitos, passivo de subversões. Na esteira desse argumento entendemos, então, que alguns sujeitos Kaiowá conseguem agir nestas “brechas discursivas” e, ainda que de forma assistemática, subvertem esse ordenamento do poder. Essas subversões causam o que o Michel Foucault (2010) chama de “a desordem do discurso”.

Quando sociedades indígenas que sofreram silenciamento e interdições históricas fazem-se ser ouvidas, vistas e comentadas, numa plataforma tecnológica como a internet, a partir de uma fotografia, é possível perceber o funcionamento desta desordem discursiva. Neste sentido, o acontecimento que desencadeou mais de 20 mil compartilhamentos no Facebook marca uma nova ordem.

A internet pode ser considerada uma das maiores revoluções tecnológicas para humanidade e proporcionou modificações significativas nas relações interacionais em âmbito planetário. Acelerou o tempo da produção e ampliou o espaço de circulação de informação, assim como proporcionou maiores condições de acesso ao conhecimento.

Embora o crescente número de aparelhos com câmeras, com preços acessíveis tenha facilitado e proporcionado o aumento na produção de fotografias, o acesso à navegação no *ciberespaço* não acontece de forma tão acelerada e homogênea no planeta. Não podemos esquecer que muitas regiões ainda possuem limitações quanto à conexão, à aquisição do computador, ou mesmo aos conhecimentos para seu manuseio.

Então, ainda que de modo enviesado é possível dizer que a internet possibilitou sim a produção de informação de maneira “democrática”, se comparada à forma como pequenos grupos comunicacionais apropriavam-se da notícia como produto, ou como item de barganha política. Com a internet, apareceram muitas formas de se fazer notícia, de produções discursivas e, por conseguinte de (re)produção de identidades. Surgiram plataformas virtuais como blogs, redes sociais, sites, dispositivos que são usados de forma frenética por um número cada dia maior de usuários. No caso das redes sociais as informações repercutem de maneira bastante acelerada em vários âmbitos da vida cotidiana de seus internautas.

Uma das redes sociais mais populares na contemporaneidade é o Facebook, criada nos EUA em 2004, pelo norte americano Mark Zuckerberg. Para Tocantins (2013, p. 68): “O facebook ficou conhecido como mídia social, rede social ou a plataforma sócio-virtual. O Facebook conquistou no final do ano de 2012, a marca de um bilhão de usuários no mundo”. Por meio do Facebook é possível ver o que é postado, quase que em tempo real, por pessoas de vários continentes, diariamente. A internet tornou-se um espaço de acontecimentos simultâneos.

O Facebook pode ser/ter ao mesmo tempo, entre outros usos, uma espécie de diário pessoal, agenda, álbum de fotografias e um espaço de denúncias, de insubordinações numa interface entre a realidade e a ficção. Assim podemos dizer que ele possibilita a criação e pulverização de discursividades, a partir de acontecimentos que nele se movimentam como o que aconteceu com a postagem de Ângelo Kaiowá. Estes acontecimentos, no entanto, estão enredados em redes de memória, o que significa dizer que são antecidos por outros acontecimentos e abrem espaço para novos acontecimentos.

Jesús Martín-Barbero (2004), quando se refere aos processos de mediação no mundo contemporâneo, apresenta dados sobre a presença das relações de poder na circulação dos discursos.

Não há sociedade, por pequena que for, que não regulamente a produção e a distribuição dos discursos. Toda palavra tem – ou pode ter – “conseqüências sociais”, e desde esse momento o quê, o quem, e como e o com que, todo dispositivo discursivo, serão objeto de uma cuidadosa e

constante regulação social. A regulação da linguagem e dos discursos é uma das chaves da organização e do “equilíbrio” das sociedades. Essa regulação está diretamente ligada à legitimação da dominação que possibilita esse “equilíbrio” e essa organização. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.71).

Martín-Barbero (2004) pensa as práticas de regulamentação impostas às sociedades, em nome do equilíbrio e da organização, mas que está diretamente ligada a legitimação da dominação. Partindo desta formulação, as dramáticas histórias desses indígenas são tecidas sob o prisma do abandono e para esses sujeitos as maneiras de resistência são (des)contínuas e, algumas são consideradas, pela cultura ocidental, radicais e violentas.

Em meio a este processo histórico de tensões, alguns jovens Guarani-Kaiowá atentam violentamente contra suas vidas desde os anos 2000. Supliciam seus corpos como formas de imposição e de resistências. Veem no suicídio uma brecha para fazer valer seus direitos sobre a terra. Segundo os dados disponibilizados pela Fundação Nacional de Saúde – FUNASA, em 2012 já contabilizavam mais de 500 mortes por enforcamento e envenenamento entre jovens de 12 a 24 anos⁴. Esses jovens utilizam seus corpos como mediação entre os discursos indígenas, os brancos e as autoridades governamentais. Pulverizam o *ciberespaço* com as escritas da violência histórica, impressas em seus corpos dados a ver.

3. O corpo supliciado na internet

Os guaranis vão entrando no meio dos brancos e vão deixando de ser guaranis. Os jovens vêem a tv do branco, sua comida, sua música, sua cachaça e ficam querendo tudo. Ficam querendo ser brancos, mas não conseguem. Vão deixando de ser Guarani, mas não conseguem ser brancos. Aí, vem esse apavoramento de não ser nada.
Porto Lindo – Pajé Guarani

A perda da posse de suas terras trouxe para grande parte dos Guarani-kaiowá uma série de situações envolvidas numa cadeia de sentimentos tecidos junto às suas identidades como sujeitos históricos. Eles precisam enfrentar o preconceito, a exploração da mão de obra em usinas, a falta de atendimento médico, a prostituição e a convivência com a cultura do não indígena. Segundo Neves: (2009, p. 80) “eles precisam transitar entre sua identidade

⁴ Informações obtidas no site: <http://www.fundodireitoshumanos.org.br/v2/pt/projects/view/tonico-benites-indigena-guarani-kaiowa-mato-grosso-do-sul?gclid=CPr58sqY6b4CFSsV7AodaFYA6A>. Acessado em 26 de junho de 2014.

indígena e sua cidadania ‘brasileira’. Dessa relação cotidiana crescem tensões e hibridismos culturais, especialmente, entre os mais jovens. Espaços de proliferação do discurso de não lugar, de não identidade, uma vez que a maioria deles não consegue mais se ligar às práticas culturais Kaiowá, nem conseguem inserção nas práticas culturais estabelecidas como uma ordem discursiva na cidade de Dourados.

Para estes jovens, seu próprio corpo indígena, de certa forma, representa este “desajuste”, este desliz social, o problema sem solução na região de Dourados, quando vistos pelos olhos de quem fazia o poder circular na região. Seus corpos passam a produzir efeitos de sentido e de encontrar formas de reinvenção de suas tradições.

É, portanto, o corpo que funciona como principal materialidade da identidade indígena. Nas redes sociais, também é a ele que se recorre para se definir um lugar de fala. O corpo está organizado de acordo com as diferentes maneiras de leituras no mundo contemporâneo. O corpo também determina sentidos, Simone Hashiguti (2008), afinados com as discursividades vigentes:

O corpo em sua localização (espaço histórico-social) determina sentidos, posições discursivas, funcionando como *espessura material significante*. Uma espessura material que é estrutural, simbólica e imaginariamente constituída como linguagem. O corpo, em sua visibilidade, posiciona discursivamente o sujeito, sobrederminando seu dizer, direcionando os sentidos e determinando as formas de relação inter-pessoal. Compreendido como espessura material significante, o corpo é a forma, o espaço e o texto nos quais o sujeito se simboliza, se representa e é representado, é a linguagem em toda sua força constitutiva no sujeito, em seus aspectos de opacidade, de contradição, de equivocidade. (HASHIGUTI, 2008, p. 71)

Durante séculos, o corpo foi o principal meio de distribuição da informação, quer fosse pelos discursos que comunicava diretamente, quer fosse pela presença de mensageiros. Na contemporaneidade, há múltiplas formas de investigação, apropriação e de exibição, além de silenciamento e imposições sobre o corpo como um canal de comunicação.

Na primeira parte da obra *Vigiar e Punir* (2010b), Michel Foucault analisa, detalhadamente, os rituais que envolvem o suplício, na França do século XVII até o momento em que as sanções penais passam a se inscrever nos corpos. O primeiro texto deste livro é semelhante a uma produção fílmica de horror do mundo contemporâneo. E, um corpo despedaçado em praça pública é exibido à população. Em todos os casos que analisa,

ele evidencia que fazia parte do ritual a exibição do corpo supliciado e quando isto não acontecia, o povo duvidava se realmente a pessoa condenada havia morrido.

Mas nessa cena de terror o papel do povo é ambíguo. Ele é chamado como espectador: é convocado para assistir às exposições, às confissões públicas; os pelourinhos, as forcas e os cadafalsos são erguidos nas praças públicas ou à beira dos caminhos; os cadáveres dos supliciados muitas vezes são colocados bem em evidência perto do local de seus crimes. As pessoas não só têm que saber, mas também ver com seus próprios olhos. Porque é necessário que tenham medo; mas também porque devem ser testemunhas e garantias da punição, e porque até certo ponto devem tomar parte nela. Ser testemunhas é um direito que eles têm e reivindicam; um suplício escondido é um suplício de privilegiado, e muitas vezes suspeita-se que não se realize em toda a sua severidade.

Nos rituais de suplício era o corpo que cumpria uma dupla função: era um meio de comunicação, pois era ele que comunicava a inscrição do poder ao público. E estava-se diante de um sistema de distribuição de informação ainda restrito à transmissão direta. Entre os interstícios dos relatos em *Vigiar e punir* (2010b) é possível perceber a íntima relação do corpo como inscrição de verdades. Entre uma realidade e uma ficção. A verdade que para ser aceita pela comunidade necessitava do testemunho visual e presencial dos sujeitos. A atrocidade do suplício produzia sentidos, o corpo supliciado era uma forma de comunicação direta que se realizava a partir dos olhos dos moradores das cidades. Os corpos supliciados eram expostos em praças públicas sobre o consentimento e conivência por parte do Estado e também de parte da sociedade europeia do período.

Os compartilhamentos em outubro de 2012, na internet, permite uma atualização destes acontecimentos, a partir dos novos regimes de visualidades que ela estabelece. As postagens de Ângelo Kaiowá são feitas nesta nova praça pública digital, que atravessa as fronteiras internacionais. Os usuários foram expostos a uma imagem de um corpo supliciado, o que os levou à imediata reação de cumplicidade, ao realizarem os compartilhamentos.

A fotografia, figura 01, foi produzida para fazer parte de um relatório da FUNASA, em 2008. Não tinha a intenção de funcionar como uma denúncia. Antes da postagem de Ângelo Kaiowá, ela já circulava na internet, de onde provavelmente ele retirou a imagem. Neste novo contexto, no entanto, com a carta “suicida” e dentro de um sistema de distribuição tão abrangente e imediato, ela ganhou novos sentidos.

Figura 01. Postagem do Facebook



Fonte: Imagem retirada da internet

Essa ação nos permite pensar, no entanto, em algumas peculiaridades, construídas em torno da imagem fotográfica, cujo discurso foi construído como sendo o extrato de autenticidade e veracidade, muitas vezes, ainda assumida pelo fotojornalismo e absolutamente combatida por estudiosos contemporâneos da imagem como Agamben (2005), Barthes (1972, 1990 e 2009), Dubois (2010). Essa contradição nos reposiciona frente a uma questão, há muito, discutida no âmbito dos estudos da imagem e, da qual compartilhamos, pois uma fotografia é uma imagem tecida a partir do lugar de fala de quem a produz, cujo sentido de verdadeiro ou falso é dado pelo observador num dado momento histórico.

Ainda assim a divulgação da imagem feita por Ângelo Kaiowá, acionou junto aos usuários do facebook, algo que remetia a realidade, ação traduzida pelos 20 mil compartilhamentos. Isso nos permite pensar sobre quais os dispositivos podem ser acionados junto à memória para que se veja na fotografia a realidade. Qual estatuto retira do espectador, nesse caso, a necessidade da autenticidade, por meio do testemunho físico? Tendo em vista que vários elementos necessários para a composição e circulação de uma fotografia podem modificar sentidos e conseqüentemente a realidade. Supomos então que essa questão esteja ligada a alguns mecanismos de poder e memória, que atravessam os discursos para além da espessura fotográfica.

O suicídio dos jovens Guarani, há algumas décadas aconteceu silenciosamente, sem que esta multiplicidade de olhares nacionais e internacionais fosse convocada, até este momento. Uma das maiores agressões aos direitos humanos, no Brasil, estava distante da opinião pública, que continuará dividida em relação às políticas públicas destinadas às sociedades indígenas e, certamente haverá quem continue afirmando que o Estado deve

acabar com as terras indígenas, mas também, não vão mais poder duvidar de que os jovens Kaiowá se suicidam. Diante disso pode-se dizer que a fotografia, como discurso é um dispositivo que aciona mecanismo na memória.

A imagem é um operador de memória social, comportando no seu interior um programa de leitura, um percurso inscrito discursivamente em outro lugar. Esse programa de leitura está inscrito na própria materialidade da imagem, mas é um percurso que, lógico, não nasce na imagem, há todo um processo de intertextualidade, de interdiscursividade, da memória das imagens que vão produzir isso que é um acontecimento, mas que não prescinde, de maneira nenhuma, da história. (GREGOLIN: 2011. p 93).

A fotografia mantém um diálogo com o passado, quando vista sob a perspectiva documental, no entanto, a imagem fotográfica também pode está ligada ao futuro e está profundamente atravessada por outros discursos. A circulação de uma fotografia pode acender ou apagar memórias, de acordo com cada momento histórico em que ela se insere.

Considerações para outros começos

A divulgação da carta que anunciava a morte de 170 Guarani foi mais uma forma de resistir à ordem de despejo, impetrada pela justiça do estado do Mato Grosso. O Conselho indigenista missionário, CIMI e algumas lideranças vieram a público explicar que eles não anunciaram um suicídio coletivo, mas que morreriam de forma coletiva no local, provavelmente assassinados por pistoleiros, porque não pretendiam sair de suas terras. A divulgação da carta denunciou a situação destes indígenas, percorreu os noticiários do mundo. E se realmente estas mortes acontecessem? Como o governo brasileiro conseguiria explicar? O número de jovens que se suicidou é bastante expressivo, são mais de 500, mas a ameaça de um suicídio coletivo assistida pela internet redimensionou sua posição, que interviu para que a ordem judicial fosse revista.

A atitude de Ângelo Kaiowá expôs o corpo do jovem, mas ganhou conotações de denuncia, desespero e pedido de ajuda. A exposição da imagem na internet pode estar ligada a mecanismos de memória gerados, especialmente, por meio de noticiários na grande imprensa sobre violência urbana em bairros periféricos. Esse acontecimento deu visibilidade internacional à situação socioeconômica delicada da sociedade Guarani-Kaiowá e, portanto ganhou novo sentido.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? **Outra travessia**, Ilha de Santa Catarina, v., 5. P, 1 - 8, set. 2005

BARTHES, Roland. **O Efeito de real**. In Antônio Sérgio Mendonça e Luiz Felipe Baeta Neves Literatura e semiologia: pesquisas semiológicas. Petrópolis, RJ: Vozes 1972, p 35 – 44.

_____. **A câmara clara: Nota sobre a fotografia**. Lisboa, Portugal: 70, 2009.

_____. **O óbvio e obtuso: ensaios críticos III**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p 07 – 45.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2010.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2010a.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010b.

_____. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Ditos e escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p 346 – 355.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia-** estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús **Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p 70 – 72; 110 – 166.

Sites consultados:

<<https://www.youtube.com/watch?v=5Da9dU17NFg> > e acessado em 25 de junho de 2014

<<http://www.fundodireitoshumanos.org.br/v2/pt/projects/view/tonico-benites-indigena-guarani-kaiowa-mato-grosso-do-sul?gclid=CPr58sqY6b4CFSsV7AodaFYA6A>.> Acessado em 26 de junho de 2014.

<<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/10/24/cimi-divulga-nota-negando-suicidio-coletivo-de-kaiowas-e-guaranis-em-mato-grosso-do-sul.htm#fotoNav=9>.>Acessado em 26 de junho de 2014.

Teses e dissertações:

HASHIGUTI, Simone. **Corpo de Memória**. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2008

MILANEZ, Nilton. **As aventuras do corpo: os modos de subjetivação às memórias de si em revista impressa**. Tese de Doutorado. Araraquara: UNESP/- FLC - AR, 2007.

NEVES, Ivânia. **A invenção do índio e as narrativas orais Tupi**. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: 2009.

TOCANTINS, Raimundo de Araújo. **Mulheres Indígenas No Facebook: Corpos, Intericonicidade e Identidades**. Dissertação de Mestrado - Universidade da Amazônia. Belém Pará 2013.